

Homens de Classe: masculinidade e posições sociais¹

António Manuel Marques²
Lígia Amâncio³

Resumo

Esta comunicação baseia-se numa parte de um projecto de pesquisa sobre os processos da construção social da masculinidade em contextos de dominância numérica e simbólica masculina e nas especificidades da identidade masculina que emergem nestes contextos.

Nessa pesquisa, assumimos que os grupos profissionais com predomínio numérico de homens definem, provavelmente, um contexto privilegiado para a observação da construção social da masculinidade e, ao mesmo tempo, evidenciam uma possível coincidência com a construção da feminilidade enquanto 'outro'.

Nesta comunicação, e valorizando o facto de as quatro profissões envolvidas serem detentoras de capitais escolares e prestígio social diferenciados, realizamos uma análise comparativa que questiona a importância das posições de classe nos processos de construção das identidades profissionais e da masculinidade, aprofundando a relação entre os universos profissionais e a masculinidade hegemónica.

Palavras-chave: posições sociais de classe, profissões, representações sociais, género, masculinidade.

¹ Estudo desenvolvido no âmbito do Programa Doutoral em Psicologia Social e das Organizações do ISCTE, sob orientação da Prof. Doutora Lígia Amâncio e com o título Estratégias Identitárias em Grupos Masculinos; Projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, como apoio do FEDER (referência POCTI/SOC/44726/2002).

² Instituto Politécnico de Setúbal.

³.Departamento de Psicologia Social e das Organizações do ISCTE

INTRODUÇÃO

Nesta comunicação pretendemos questionar e analisar como as dinâmicas de manutenção e mudança de diferentes identidades profissionais podem articular-se com a construção social da masculinidade, através de estratégias identitárias que recorrem a uma representação hegemónica do masculino para definir o ideal das profissões. Nesse sentido, visamos aprofundar o conhecimento sobre a relação entre os universos profissionais e a masculinidade, definida de forma singular e restritiva, assim como a feminilidade, enquanto dimensão humana subalternizada nesses processos identitários.

Ao seleccionarmos quatro profissões caracterizadas por capitais escolares e prestígio social diferenciados e distantes, visamos realizar uma análise comparativa em que seja identificada e caracterizada a importância das posições de classe nesses processos de construção das identidades profissionais e da masculinidade.

Masculinidade hegemónica e generização das profissões

As concepções da masculinidade nas sociedades industrializadas do Ocidente (...) *“ligam-se a definições relativas ao trabalho (...), as qualidades exigidas ao trabalhador modelo encontram-se intimamente ligadas com as do homem modelo.”* (Tolson, 1983; p. 14).

A construção da identidade dos homens não prescinde, portanto, da inclusão de elementos ligados aos universos do trabalho e da profissão (Tolson, 1983; Telford, 1996; Cheng, 1996a), daí que se encontre, mesmo na investigação produzida, alguma dificuldade em separar, do ponto de vista dos seus significados, as expressões ‘trabalhadores’ ou ‘empresa’ de ‘homens’ (Knights & Willmott, 1986; Hearn & Collinson, 1994; Coltrane, 1994; Collinson & Hearn, 2001).

Contudo, a masculinidade considerada na representação e nas práticas que produzem esta sobreposição de significados não admite a variabilidade, pois trata-se da definição de um ideal dominante, restrito, uma exaltação cultural padronizada e, por conseguinte, uma imposição hegemónica (Connell (1987; 1994; 1995). Por esse carácter particular e dominante, essa representação ganha um cariz concreto ao sustentar as definições e as práticas que instituem, através de uma ‘ordem do género’ (Connell, 2002; p.142), o que é admissível para a inclusão e exclusão na masculinidade hegemónica. Essa masculinidade fica, assim, dotada de uma posição superior e sobreordenada sobre qualquer identidade, seja esta atribuída aos homens ou às mulheres, como sejam outras formas de masculinidade e a feminilidade (Connell, 1987; 1995; 2000; 2001; Kimmel, 1994; Kilduff & Mehra, 1996; Telford, 1996).

Estudar a masculinidade exige, pois, que esta seja questionada, tomando como princípio essencial a separação entre os conceitos de ‘homem’ e de ‘masculinidade’ (Basow, 1992; Amâncio, 1994; 1997; 2002; Hearn & Collinson, 1994; Vale de Almeida, 1995; 2004; MacInnes, 2002), em vez de serem assumidas, até pela Ciência, como categorias implícitas mas garantidas e, como tal, não interrogadas. Desta forma será, então, viável aceder ao estudo das relações de poder que essa sobreposição de conceitos acarreta, no caso presente, no universo das profissões.

A acentuação contínua e firme da diferença entre os sexos e a subordinação da feminilidade e das masculinidades a uma masculinidade única demonstram a sua eficácia através do recurso a um ‘currículo oculto’ (Addelston & Stirratt, 1996; p.71), concretizado e actualizado por práticas e discursos organizacionais que visam criar e

perpetuar a identidade e a posição dominante de um grupo sobre outros significativos (Pierce, 1996; Collison & Hearn, 2001).

Com base nestes fenómenos de poder, é comum que, nos contextos profissionais, se processe a uma hierarquia baseada no género, daí que se justifiquem os conceitos de organizações ou ocupações generizadas (Connel, 1987; Acker, 1990; Witz, 1992; Wright, 1996; 1997; McDowell, 1997; Britton, 2000). Com efeito, ‘o género é um elemento constitutivo’ presente na lógica organizacional de praticamente todos locais de trabalho actuais (Acker, 1990: 147). Sob a ‘ostensiva racionalidade neutral’, residem, de forma mais ou menos disfarçada, subestruturas que reforçam concepções e práticas de desigualdades de género (Acker, 1990: 154).

Muitos contextos profissionais têm sido estudados no sentido de identificar a presença de estratégias identitárias marcadas pela masculinidade hegemónica e dos seus efeitos sobre a integração e segregação de grupos ou indivíduos com identidades minoritárias ou encaradas como dominadas (Riska, 1993, 2000, 2001; Nicolson, 1995; Wright, 1996; Kilduff & Mehra, 1996; Telford, 1996; Cheng, 1996b; Bruschini & Lombardi, 1999; Cassell, 2000; Collison & Hearn, 2001;; Lo Chin, 2002; Martin *et alii*, 2002; Marques, 2004; Marques & Amâncio, 2004).

Masculinidade e localizações de classe

Ainda que se trate de uma temática central na investigação das Ciências Sociais, a estratificação social e, mais particularmente, a conceptualização das classes sociais têm sido objecto de debate e de alguma polémica, mas também de um esforço de teorização e operacionalização de um objecto empiricamente apreensível mas de difícil delimitação (Macdonald, 1995; Savage *et al.*, 1992; Wright, 1997; Estanque & Mendes, 1997).

Relativamente pacificadas as heranças teóricas marxistas e weberianas, a produção científica das últimas décadas tem avançado no sentido de acompanhar a complexificação dos sistemas de estratificação das sociedades ditas modernas (Macdonald, 1995). O modelo de análise de Eric Olin Wright (1989; 1997), revisto por Estanque & Mendes (1997) e Giddens (2002), permite pensar em múltiplas localizações de classe, com diferentes recursos produtivos, as quais produzem efeitos nas práticas concretas dos indivíduos e na construção das suas identidades de classe.

Assim, sob este prisma, como acentuam Estanque & Mendes (1997: 30), as posições de classe, determinadas pelos recursos de propriedade, de autoridade ou de credenciação subjacentes, vinculam as interacções sociais, modelando opiniões, escolhas e práticas concretas, espelhando e reforçando esse posicionamento.

Do mesmo modo que, tendencialmente e como vimos, os estudos sobre o universo do trabalho não valorizaram os fenómenos de género e da masculinidade (Knights & Willmott, 1986; Bromley, 2000; Collinson & Hearn, 2001), também as localizações de classe não têm sido muito valorizadas na análise dos processos de construção social da masculinidade.

O trabalho de Tolson (1983) é, a nosso ver, de enorme importância nesse domínio, por ter ensaiado a diferenciação das representações da masculinidade em função das posições sociais e porque discrimina e analisa os discursos e as práticas das classes a que chamou ‘trabalhadora’, ‘média’ e ‘média avançada’, assim como sintetiza os elementos que as diferenciam e unem.

Defende esse autor que (...) “as diferenças de classe quanto às identificações masculinas não podem ser minimizadas, porque são uma das bases da variação dos estilos da masculinidade.” (Tolson, 1983: 29). Tal ideia, parece-nos, é coerente com a defesa de que as diferenças de classe são uma das dimensões presentes na construção da realidade social e não, necessariamente, o seu determinante (Estanque & Mendes, 1997).

Para aprofundar o conhecimento acerca da masculinidade torna-se, assim, pertinente ou imperioso entender os diferentes padrões que esta pode apresentar, assim como a relação destes entre si (Connell, Davis & Dowsett, 2000), pois existirão relações complexas entre a construção da masculinidade hegemónica, o posicionamento social, os recursos materiais e simbólicos associados a esse posicionamento (Bourdieu, 1999; Connell, Davis & Dowsett, 2000), assim como à construção e defesa das identidades profissionais (Witz, 1992; McDowell, 1997; Connell, 2000).

ESTUDO

As profissões envolvidas

Pelas características das actividades desenvolvidas, a evolução histórica das ocupações e a dinâmica de dominação numérica tradicional por um dos sexos, as profissões envolvidas nesta investigação podem ser encaradas como um contexto profissional generizado: a Magistratura Judicial (Carson, 1999; Bruschini & Lombardi, 2000; Martin, Reynolds & Keith, 2002; Marques & Amâncio, 2004); Cirurgia Geral (Elston, 1993; Nicolson, 1995; Pasko & Seidman, 1999; Carnall, 1999; Woodman, 1999; Riska, 1993; 2001; Cassell, 2000; Marques, 2004); a montagem de *offset* (Cockburn, 1983; 1985; 1988; Durão, 2003) e a condução de táxis (Burns, 1979; Boyd, 1997).

O nosso interesse em identificar a relação das posições de classe na construção da masculinidade no universo das profissões é viabilizado pela polarização destas profissões em dois grupos que resultam da sua agregação duas a duas. Assumimos, portanto, que aos médicos e aos magistrados está associada uma posição de classe elevada (Witz, 1986; Macdonald, 1995) e de prestígio (Bourdieu, 1984), ao contrário dos montadores de *offset* e motoristas de táxi, ao aceitarmos a profissão, a situação na profissão e o nível de escolaridade como indicadores relevantes para a definição de diferentes posições de classe (Almeida *et al*, 1990; Costa, 1987).

Método

Os elementos de análise apresentados dizem respeito apenas aos 24 participantes de sexo masculino do estudo, repartidos igualmente pelas quatro profissões. A natureza do tema e a orientação epistemológica e metodológica da investigação levaram-nos a optar pelo recurso a entrevistas semi-estruturadas, audio-gravadas e transcritas na íntegra, seguindo guiões orientadores mínimos em cada profissão, embora similares entre si.

A Análise do Discurso (Potter & Wetherell, 1992; Llobart, 1993) é utilizada nesta investigação de cariz descritivo, tanto como método de identificação e produção de sentidos no discurso dos participantes, como teoria do método (Burr, 1995; Nogueira, 1996), dado que se pretende estudar a inter-relação entre os contextos profissionais e as metáforas associadas às categorias do masculino e do feminino que emergem a propósito desses contextos.

Elementos de análise

Para a análise dos discursos dos participantes, orientámo-nos por apenas alguns eixos de análise que têm orientado esta investigação. Assim, daremos especial relevo aos seguintes: ‘distintividade das profissões e a sua relação com a masculinidade’, ‘distintividade face às outras ocupações significativas’ e ‘presença das mulheres e ameaça percebida face à identidade profissional’.

Masculinidade e normatividade nas profissões

Porque têm de tomar a decisão final, sob a forma de sentença, os Magistrados Judiciais devem, no entendimento dos entrevistados, pautar a sua acção pela (...) *“a objectividade, a isenção, a razoabilidade, a sensatez, que são características (...) conaturais da Magistratura”* (...) (H,49) e também porque são *“o vértice da pirâmide”* (H,48).

Como características desejáveis, o profissional da Cirurgia Geral deve (...) *“ser muito esperto, directo, frontal, rápido e não olhar para o lado... (H,40); (...) “com a resistência ao stress, com uma capacidade de trabalho ilimitada, (...) e depois com uma cabeça muito ágil”* (H,40).

Por seu lado, os impressores de *offset* (...) *“era[m] uma elite... ainda continua[m] a ser”* (H,47), no âmbito das Artes Gráficas, caracterizando-se por serem (...) *“muito disciplinado[s], com a cabeça no sítio, ter brio. (...) Um homem como deve ser.”* (H36). Em termos ideais, os profissionais de *offset* devem ser (...) *“dedicados àquilo que estão a fazer, de corpo e alma”* (...) (H,35); (...) *“Tem de ter respeito pela sua profissão”* (H,50).

Pela natureza do seu trabalho, para (...) *“enfrentar 12, 14 horas de trabalho normal numa cidade”* (...) (H,50b), o que (...) *“não é assunto para brincar”* (H,61), os condutores de táxi devem ser (...) *“alguém que se saiba impor, de se dar ao respeito, mas que mesmo tempo não se exalte facilmente.”*; (...) *“ter uma grande dose de calma, nada de pessoas nervosas”* (...) (H50b).

Pelo contacto estreito com o público, o motorista de táxi (...) *“Tem que saber relacionar-se... tem que saber minimamente ouvir e saber falar... (H,51); saber (...) “tratar os clientes como eles devem ser (...) (H,39). Mas, dada a perigosidade potencial inerente à profissão, deve-se ser (...) “destemido, porque é preciso tê-los no sítio”* (H,51); (...) *“ter o sangue frio e a coragem”* (...) (H,46); não dar (...) *“um ar frágil, assim indeciso”* (H,50b); *“Pôr-se no seu sítio como homem.”* (H,61).

Julgamos poder afirmar que, embora diferentes, as representações de cada profissão (ou profissional ideal) têm em comum uma representação que é um referente do ser masculino, definido de modo estrito e hegemónico (Connell, 1987; 1995). Para cada uma delas, esse referente é também aplicável aos profissionais e, logo, tem carácter normativo (Acker, 1990), pois define um ideal e clarifica as ‘diferenças inaceitáveis’, referidas por Telford (1996; p. 137), ao mesmo tempo que reflecte a assimetria simbólica do género (Amâncio, 1994).

Se compararmos os discursos de cirurgiões e dos motoristas de táxi (com tarefas mais centradas no corpo), quando procuramos o paralelismo dos seus significados, vemos em comum a referência às capacidades de resistência física e ao *stress*, de tomada de decisão, à prontidão/rapidez, à virilidade e à frontalidade.

Por outro lado, quando comparamos as representações que se salientam dos discursos dos magistrados e dos montadores de *offset* (com tarefas de maior abstracção e

intelectualização), poderemos assinalar também alguma similitude entre os traços enunciados para definir os profissionais, como sejam: afirmação, independência, segurança, isenção, ponderação, reflexão, objectividade, sensatez, decisão e bom-senso, para os primeiros, e acuidade, concentração, minúcia, disciplina, seriedade, perfeição e aplicação, para os segundos.

Comparando entre si as quatro profissões, associadas duas a duas em função da posição de classe, parecem-nos de assinalar as diferenças lexicais dos discursos dos participantes, ainda que, do ponto de vista semântico, possa ser assinalada a similitude de significados associados às representações que analisámos anteriormente.

Sugerir aos participantes a comparação com profissionais especialmente significativos teve como objectivo suscitar a categorização dos ‘outros’, como estratégia de produção de discursos acerca das identidades profissionais, sob uma perspectiva diferente, mas complementar, da anterior.

Assim, para os cirurgiões gerais, foram propostos os especialistas da Medicina Interna, para os magistrados judiciais, os magistrados do Ministério Público, para os montadores de *offset*, os criativos e/ou os impressores de Artes Gráficas. No contacto directo com os motoristas de táxi, verificámos que não se destacam outros profissionais que desempenhem esse papel de alteridade, pois esta é atribuída, de forma clara, aos condutores não profissionais, à comunicação social e até aos utilizadores (geradores de uma ‘imagem’ pública dos profissionais e da profissão).

Por que não toma decisões e é parcial nas suas apreciações, na opinião dos magistrados judiciais, o magistrado do Ministério Público é associado ao “*advogado do Estado*” (H,48), porque (...) “[*q*]uem manda para a cadeia é o juiz, ele é que vai para casa pensar” (H,48), (...) e ,” *efectivamente, tem mais trabalho no tribunal...*” (H,45). Por essas razões (...) “*não pode estar colocado ao mesmo nível do juiz*” (H,48), sendo, por comparação, diminuídos e desvalorizados o seu trabalho e a sua figura.

Os médicos de Medicina Interna são representados pelos cirurgiões como alguém que intelectualiza as situações, hesita, pondera e, como tal, é demorado a tomar decisões. Dizem os cirurgiões entrevistados que, “[*o*] médico [internista] *pode ir consultar livros, aconselhar-se com os colegas mais velhos (...), estudar o caso, pedir mais exames*” (H,40).

Os montadores de *offset* classificam os impressores como (...) “*mecânicos, trabalham com máquinas*” (H,45), pelo que serão pouco sensíveis à importância e à exigência da montagem. Por outro lado, os criativos têm (...) “*boas ideias, mas escapa[-lhe] a realidade*” (H,38), “*porque percebem de computadores e tal (...)* são artistas formados à pressa” (H,50).

Nos motoristas de táxi, a dependência da sua actividade face ao veículo, faz como que um acidente seja encarado de forma bastante mais grave do que pelo condutor vulgar, num contexto em que (...) “*há falta de civismo*” (H,39), mas que se exige que o taxista (...) “*tem que ser mais profissional que as outras pessoas*” (H,39). Referir que (...) “*ninguém deixa[r] passar um fogareiro quando ele não tem prioridade*” (H,50a) e que (...) “*Cada vez há mais pessoas com carro...*” (H,61) parece indiciar a percepção de que, com o tempo, tenham (...) “*perdido importância*” (H,46). Tendo que conviver com (...) “*a parte mais negra disto tudo, os podres da noite, as misérias*” (H,46); questionam-se: (...) “*quem é que quer isto? Ninguém!*” (H,61).

Esta comparação estrategicamente sugerida aos participantes no estudo faz emergir representações de outros profissionais (ou ‘outros’ menos personalizados, para os taxistas) as quais, a nosso ver, não colocam em evidência a sobreposição com a

representação da masculinidade. Nestes discursos, ao mesmo tempo que são reforçadas os traços normativos das actividades profissionais em estudo, ficam também evidenciada a não existência de confusão entre os traços da masculinidade nos grupos profissionais significativos tomados como referência, o que, estrategicamente, pode reforçar o sentido de pertença ao grupo (Addelston & Stirratt, 1996).

Feminilidade, identidade e ameaça percebida

Em presença de profissões (ou culturas ocupacionais) que têm como referente – ideal e normativo - uma figura masculina, assumimos a inclusão do tema do maior envolvimento de mulheres nas quatro profissões em análise como forma viável de questionar a localização da feminilidade na construção e manutenção das suas identidades. Assim, ainda que a feminilidade não seja sobreponível à categoria de mulher (Amâncio, 2002; Vale de Almeida, 2004), considerámos ser esta uma opção metodológica susceptível de, mais facilmente, focalizar os discursos dos participantes nesse domínio e, logo, de aceder a metáforas significativas e identificar as estratégias presentes nos processos identitários.

Nos discursos dos magistrados, o primado da racionalidade deve imperar sobre o processo de tomada de decisão (sentença), impedindo que este espelhe as possíveis diferenças entre juízes e juízas e, logo, possa pôr em causa a representação normativa da profissão . Pelo seu discurso, os magistrados admitem que *“os padrões só são basicamente masculinos. (H,45), (...) a cultura do trabalho, com muito sofrimento, do juiz humilde, ...tudo isso, obviamente, está ligado com... a figura masculina, não é?” (H,41)*

Os discursos produzidos pelos entrevistados da cirurgia evidenciam também que, no exercício da profissão, é desejável que as cirurgiãs não se afastem da norma dominante, sobreposta à representação da masculinidade hegemónica, que sejam pessoas (...) *“com capacidade de decisão, com capacidade de intervenção... Se não se integram neste espírito é melhor desistirem e optarem por outra especialidade.” (H,48).*

Associada à crescente utilização dos computadores no domínio das Artes Gráficas, considera-se que (...) *“elas não ficavam atrás em nada, em relação aos homens, em questão de desembaraço... cometiam erros, mas é mesmo assim. “(H,45), (...) “Só que o problema era não entenderem o grau de precisão das coisas... ‘isso foi uma mulher que fez!’”, (H,46), (...) “só as achava assim menos aplicadas...” (H,50).*

Todavia, sem forçar a activação da associação da feminilidade à entrada de mulheres na profissão, alguns discursos referem-se ao contexto de trabalho do *offset* como pautado por uma masculinidade normativa, antes dessa inovação, como (...) *“aquilo tinha que ser assim com homens e... barba rija e muito álcool... havia muitos jantares (...) tive... ser homem, deixar crescer a barba, com 22 anos, para dar aquele ar...” (H,35), (...) “quando saíamos do trabalho bebíamos copos, é mesmo assim... Toda a gente. Nunca ia ninguém directo para casa. Isto tem a ver com as elites.” (H,47).*

Para os taxistas, a condução automóvel poderá ser tão acessível a homens como a mulheres, ressaltando-se, contudo a especificidade do contexto de trabalho, porque (...) *“não acho que seja profissão para mulher” (H, 50a), “Mulher minha eu não deixava” (H,46).* Assim, as mulheres taxistas têm de (...) *“ser um bocado especiais” (H,46), não devendo ser (...) “delicadas, assim amedrontadas com tudo ... vir para aqui embonecada, mini-saia e tal...” (H,46), referindo, como contraponto casos em que (...) “as que andam lá são homens autênticos na maneira de encarar a profissão.” (H,51) ou*

de outra que (...) “*Andava aí com um palavreado muito esquisito, ela falava muito mal...*” (H,50b).

De forma genérica, pode afirmar-se que, no conjunto das profissões, a feminilidade não é considerada na representação dos ideais normativos de cada uma delas, os quais, como vimos, são sobrepostos a um ideal de masculinidade.

Sem o pormenorizar neste estudo, deve salientar-se, contudo, que é nos discursos dos cirurgiões e dos taxistas que mais se representam as profissionais recorrendo a figuras andróginas, mantendo o referente masculino, no sentido que lhe é dado por Lorenzi-Cioldi (1990). De facto, porventura pela natureza dos dois tipos de trabalho, são os participantes dessas duas profissões que mais explicitamente fazem emergir essa representação, até pela alusão a aspectos da sua exterioridade⁴, assim como opiniões mais peremptórias quanto à adaptação das mulheres ao contexto de trabalho e à cultura ocupacional.

De forma menos evidente do que as profissões anteriores, na Magistratura Judicial e na montagem de *offset*, a manifestação do afastamento dos traços da feminilidade do núcleo essencial que define a norma indentitária das profissões realiza-se através da alusão à necessidade de cumprimento dos processos de trabalho e da norma prevalecente, de raiz clara e hegemonicamente masculina.

Todavia, particularizando o caso dos montadores, devem considerar-se os aspectos evolutivos das tecnologias da profissão, pois, como referem os entrevistados, agora (...) “*o trabalho de montagem é colar plásticos... foi extremamente simplificado e, praticamente, tudo era feito por nós. Agora não.*” (H,45); “*Já vem tudo feito do computador... já não é preciso montar.*” (H,36); agora, (...) “*qualquer um é capaz de fazer um trabalho... Num certo sentido, foi mau, muito mau.*” (H,50).

Assim, julgamos estar em presença de uma profissão em plena fase de transformação, motivada por alterações tecnológicas rápidas, as quais parecem afrontar directamente os processos de defesa de uma identidade outrora forte, razão pela qual os discursos dos participantes acentuam claramente a diferença entre o pretérito (marcado pela masculinidade) e o presente e o futuro (incertos e indefinidos), o ‘antes e depois dos computadores’. Julgamos que esse processo de mudança, fonte de ameaça da identidade, poderá atenuar, pelo que os discursos nos deixam aperceber, a alusão à presença de maior número de mulheres como algo indesejável, assim como à feminilidade que estas poderão vir a introduzir no quotidiano da profissão.

As posições de classe poderão, também neste domínio, revelar-se pertinentes para a nossa investigação. De facto, como já analisámos num estudo anterior (Marques, 2004), nos universos da Cirurgia Geral e da Magistratura Judicial parece ser bastante assumir a hegemonia da masculinidade como padrão dos profissionais para que a identidade e a norma prevalecentes sejam sentidas pelos entrevistados como inabaláveis. Mesmo que se considere o grau crescente de mulheres nas profissões e que tenha de ser feita uma negociação constante nas interacções de trabalho concretas (Collinson & Hearn, 2001), é difícil, se não impossível, separar as representações (e as identidades) do indivíduo e do profissional, sendo, talvez, essa a razão da eficácia das estratégias identitárias criadas e defendidas. Com recurso a uma génese, localizada a montante (o número predominante de alunas nas licenciaturas), os discursos parecem acentuar mais claramente alguns indícios da percepção de ameaça (Breakwell, 1983) vinda

⁴ Muito nítido em discursos analisados noutro estudo precedente, envolvendo apenas os entrevistados da cirurgia geral (Marques & Amâncio, 2004).

directamente do aumento de mulheres na Cirurgia e na Magistratura, cujos efeitos têm de ser evitados.

A partir da análise dos discursos dos participantes das profissões tomadas como de posição social mais baixa, e articulando-o com os factos reais conhecidos acerca das mudanças que têm nelas sido introduzidas, julgamos poder afirmar que, no *offset* e na condução de táxis, a percepção da ameaça, bastante evidente nos dois casos, não coloca no centro a questão do equilíbrio entre os sexos na profissão.

Na montagem de *offset*, como antes analisámos, essa ameaça deriva directamente da evolução tecnológica, que os torna excedentários⁵, leva à necessidade de actualização ou requalificação profissional⁶ e põe em causa uma identidade duradoura e fortemente implantada.

No caso dos condutores de táxi, para além do menor uso geral deste meio de transporte, já referido, a regulamentação recente da profissão é apontada como causa directa do menor valor que a profissão deterá actualmente⁷.

DISCUSSÃO

O conteúdo desta comunicação corresponde, ainda, a uma primeira aproximação à exploração dos discursos dos participantes das quatro profissões envolvidas no estudo que estamos a desenvolver. Esta exploração virá a ser a ser aprofundada, assim como serão considerados os discursos das mulheres das mesmas profissões, seguindo as mesmas e outras dimensões de análise.

Ainda que de forma própria em cada profissão, a clara ancoragem da representação dos profissionais na representação da masculinidade hegemónica é, julgamos, um dos elementos a destacar neste estudo. De facto, a norma que serve de padrão para definir o ideal dos profissionais, reforçada também pela comparação com outros significativos, não se distingue dos traços da masculinidade definida de forma restritiva e estereotípica.

Os traços da feminilidade, por seu lado, aludidos nas entrevistas através da referência aos elementos de sexo feminino das profissões, não são reconhecidos como integrantes do núcleo essencial da identidade das profissões. Ainda que distintamente em cada uma delas, clarifica-se, com alguma evidência, que as manifestações de feminilidade não são desejáveis à construção das identidades específicas das profissões.

A dicotomização das profissões em função das posições de classe permite evidenciar a existência de inter-relação entre estas e os processos de construção social da masculinidade, tomando o universo profissional como contexto privilegiado para a sua observação.

Assim, na representação das suas identidades profissionais os participantes das duas posições de classe considerados apenas se distinguem nos modos de dizer, pois o significado e os conteúdos dos seus discursos podem ser vistos como sobreponíveis quanto aos seus significados.

⁵ Nesta comunicação não desenvolvemos os aspectos relacionados com a diminuição substancial dos salários nas ocupações das Artes Gráficas e, em particular, nos montadores, o que é insistentemente referido pelos participantes.

⁶ Quatro dos entrevistados frequentavam cursos de formação profissional para adquirirem competências e diplomas no domínio da informática aplicada às Artes Gráficas.

⁷ “Presidente da ANTRAL contra CAP”. Revista da ANTRAL, nº 97, Nov/Dez 2003; “Assembleia Geral de Sócios contra o CAP”. Revista da ANTRAL, nº 99, Mar/Abr 2004.

O menor grau de controlo sobre as mudanças introduzidas nas ocupações profissionais – seja por efeito das novas tecnologias ou por efeitos estruturais e de iniciativa estatal – fará com que nas duas profissões de menor estatuto, dependentes e heterónomas (Larson, 1977; Macdonald, 1995) os homens expressem a percepção da ameaça às suas identidades sem sobrevalorizarem ou a relacionarem directamente com a presença de mulheres na profissão.

Na Cirurgia Geral e na Magistratura Judicial, autónomas, diferenciadas e com elevado prestígio social (Bourdieu, 1984; Witz, 1986; Freidson, 1986; Johnson, 1993; Macdonald, 1995), a presença e o predomínio numérico feminino, potenciais nas profissões têm mais centralidade nos discursos, parecendo, pois, ser elementos produtores de uma ameaça directa à identidade grupal, ainda que seja explicitado algum grau de segurança quanto à sua imutabilidade.

Esperamos que, na continuidade da pesquisa em que o presente estudo se enquadra, seja possível, entre outros objectivos, aprofundar a relação entre a construção da masculinidade hegemónica, os contextos profissionais e a influência das posições sociais de classe nesse processo e, ainda, nas estratégias identitárias das mulheres envolvidas.

REFERÊNCIAS

- Acker, J. (1990). Hierarchies, jobs, bodies: theory of gendered organizations. *Gender and Society*, 4, 139-158.
- Addelston, J. & Stirratt, M. (1996). The Last Bastion of Masculinity. Gender politics at the citadel. In: Cliff Cheng (Ed.) *Masculinities in Organizations*. Thousand Oaks: Sage Publications; pp. 54-76.
- Almeida, J.F., Costa, A.F. & Machado, F.L. (1990). Estudantes e amigos - trajectórias de classe e redes de sociabilidade. *Análise Social*, vol. 25, 105/6, 193-221.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino – A construção social da diferença*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Amâncio, L. (1997). The importance of being male: ideology and context in gender identities. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 2, 79-94.
- Amâncio, L. (2002). Género e assimetria simbólica: o lugar da história na psicologia social. In M. L.Lima, P.Castro & M.Garrido (Eds). *Temas e Debates em Psicologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte; pp. 111-124.
- Basow, S. A. (1992). *Gender Stereotypes and Roles*. Pacific Grove/Califórnia: Brooks/Cole Publishing Comp.
- Bourdieu, P. (1984). *Homo Academicus*. Paris: Editions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1999). *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta Editora.
- Boyd, C. (1997). ‘Just like one of the boys’: Tactics of women taxi drivers. In D. Tye & P. Greenhill (Eds.). *Undisciplined Women: Tradition and Culture*. Montréal: McGill-Queen’s University Press.
- Breakwell, G.M. (1983) (org.) *Threatened Identities*. Nova Iorque: Wiley.
- Britton, D.M. (2000). The epistemology of the gendered organization. *Gender & Society*, 14 (3): 418-34.
- Bromley, R. (2000). The theme that dare not speak its name. In: S.R. Munt (Ed.) *Cultural Studies and Working Class: subject to change*. Londres: Cassell; pp. 51-68.

- Bruschini, C. & Lombardi, M. R. (1999). Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras profissionais de prestígio. *Estudos Feministas*, 7, 1/2, 9-24.
- Burns J. (1979). 'Every One Has Good': A Study of the Occupational Folklife of a St. John's Cab Driver. *Culture and Tradition*, 4: 79-87.
- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. Londres: Routledge.
- Carnall, D. (1999). Women in surgery. *British Medical Journal*. 319, 860.
- Carson, C. N. (1999). *The Lawyer Statistical Report: The U.S. Legal Profession in 1995*. Chicago :American Bar Foundation.
- Cassell, J. (2000). *The Woman in the Surgeon's Body*. Cambridge, Harvard University Press, 2^a ed.
- Cheng, C. (1996a). "We Choose not to Compete". The "Merit" discourse in the selection process, and Asian men and their masculinity. In: Cliff Cheng (Ed.) *Masculinities in Organizations*. Thousand Oaks: Sage Publications; pp. 177-200.
- Cheng, C. (1996b). Men and Masculinities are not necessarily synonymous: thoughts on organizational behavior and Occupational sociology. In: Cliff Cheng (Ed.) *Masculinities in Organizations*. Thousand Oaks: Sage Publications; pp. xi-xx.
- Cockburn, C. (1983). *Brothers: male dominance and technological change*. Londres: Pluto.
- Cockburn, C. (1985). *Machinery of dominance: women, men and technical know-how*. Londres: Pluto.
- Cockburn, C. (1988). The gendering of jobs: Work place relations and the reproduction of sex segregation. In S. Walby (Org.) *Gender Segregation at Work*. Filadélfia: Open University Press. Londres: Pluto.
- Collinson, D. & Hearn, J. (2001). Naming men as men: Implications for work, organization and management. In S. Whitehead & F. J. Barret (Eds). *The Masculinities Reader*. Cambridge: Polity Press. Pp. 144-169.
- Coltrane, S. (1994). Theorizing masculinities in contemporary social science. In H. Brod & M. Kaufman (Eds.) *Theorizing Masculinities*. Thousand Oaks: Sage Publ.; pp. 39-60.
- Connell, R.W., Davis, M.D. & Dowsett, G.W. (2000). Man to man: homosexual desire and practice among working-class men. In: R.W. Connell (2000). *The Men and The Boys*. Cambridge: Polity Press; pp. 102-127.
- Connell, R.W. (1987). *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*. Standford: Standford University Press.
- Connell, R.W. (1994). The State, Gender and Sexual Politics: Theory and Appraisal. In H. L. Radtke e H. J. Stam (Eds.) *Power/Gender – Social Relations in Theory and Practice*. Londres: Sage Publications Ltd.
- Connell, R.W. (1995). *Masculinities*. Los Angeles: University of California Press.
- Connell, R.W. (2000). *The Men and The Boys*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R.W. (2001). The Social Organization of Masculinity. In S. Whitehead & F. J. Barret (Eds). *The Masculinities Reader*. Cambridge: Polity Press. Pp. 30-50.
- Connell, R.W. (2002). *Gender*. Cambridge: Polity Press.
- Costa, A.F. (1987). Novos contributos para velhas questões da teoria das classes sociais. *Análise Social*, vol. 23, 98, 635-686.

- Durão, Susana S. B. (2003). *Oficinas e Tipógrafos. Culturas e quotidianos de trabalho*. Lisboa: D. Quixote.
- Elston, M. A. (1993). Women doctors in a changing profession: the case of Britain. In E. Riska & K. Weigar (Eds.). *Gender, Work and Medicine: women and the medical division of labour*. Londres: SAGE Publications. pp. 27-61.
- Estanque, E. & Mendes, J.M. (1997). *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal. Um estudo comparativo*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Freidson, E. (1986). *Professional Powers. A study of the institutionalization of formal knowledge*. Chicago: University of Chicago Press.
- Giddens, A. (2002). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hearn, J & Collinson, DL (1994). Theorizing unities and differences between men and between masculinities. In H. Brod & M. Kaufman (Eds.) *Theorizing Masculinities*. Thousand Oaks: Sage Publ.; pp. 97-118.
- Johnson, T.J. (1993). *Professions and Power*. Londres: The Macmillan Press.
- Kilduff, M. & Mehra, A. (1996). Hegemonic Masculinity among The Elite. Power, identity, and Homophily in Social Networks. In: Cliff Cheng (Ed.) *Masculinities in Organizations*. Thousand Oaks: Sage Publications; pp. 115-129.
- Kimmel, M.S (1994). Masculinity as homophobia: fear, shame, and silence in the construction of gender identity. In H. Brod & M. Kaufman (Eds.) *Theorizing Masculinities*. Thousand Oaks: Sage Publ.; pp. 119-141.
- Knights, D. & Willmott, H. (1986). Introduction. In: D. Knights & H. Willmott (Eds.) *Gender and the Labour Process*. Aldershot: Gower Publishing Comp.; pp. 1-13.
- Larson, M.S. (1977). *The Rise of Professionalism: A sociological analysis*. Londres: University of California Press.
- Lo Chin, E. (2002). Historical Perspective. In E. Lo Chin (Ed.), *This Side of Doctoring: reflections from women in medicine*. Thousand Oaks: Sage Publications, pp. 1-10.
- Lombart, M. (1993). Mujer, relaciones de género y discurso. *Revista de Psicología Social*, 8, 201-215.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1990). *Les androgynes*. Paris: PUF.
- Macdonald, K.M. (1995). *The Sociology of the Professions*. Londres: Sage Publications.
- MacInnes, J. (2002). *O Fim da Masculinidade*. Porto: Âmbar.
- Marques, A. M. (2004). Os trabalhos da masculinidade – Culturas ocupacionais sob hegemonia masculina. In L. Amâncio (2004). *Aprender a ser homem, construindo masculinidades*. Lisboa: Editora Livros Horizonte (no prelo).
- Marques, A.M. & Amâncio, L: (2004). Medicina e masculinidade: da predominância numérica à dominação simbólica. In J.Vala, M. Garrido & P. Alcobia (Orgs.), *Percursos de Investigação em Psicologia Social e Organizacional*. Lisboa: Ed. Colibri (no prelo).
- Martin, P.Y., Reynolds, J. R. & Keith, S. (2002). Gender bias and feminist consciousness among judges and attorneys: a standpoint theory analysis. *Journal of Womens in Culture and Society*, 27, 3: 665-702.
- McDowell. L. (1997). *Capital culture: gender at work in the city*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Nicolson, P. (1995). Preparing women's way: women's experience of working in academia and medicine. In L. Amâncio e C. Nogueira (orgs.), *Gender, Management and Science*, Braga:Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

- Nogueira, M.C.O.C. (1996). *Um Novo Olhar Sobre as Relações Sociais de Género – Perspectiva feminista crítica na Psicologia Social*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Pasko, T. & Seidman, B. (1999). *Physician characteristics and distribution in the U.S. edition*. American Medical Association. Department of Data Survey and Planning.
- Pierce, J. (1996). Rambo litigators. Emotional labor in a male-dominated occupation. In: Cliff Cheng (Ed.) *Masculinities in Organizations*. Thousand Oaks: Sage Publications; pp. 1-28.
- Potter, J. & Wetherell, M. (1992), *Mapping the Language of Racism. Discourse and legitimation of exploitation*. Londres: Harvester Wheasheep.
- Riska, E. (1993). Introduction. In E. Riska & K. Weigar (Eds.). *Gender, Work and Medicine: women and the medical division of labour*. Londres: SAGE Publications. pp. 1-12.
- Riska, E. (2000). Towards gender balance? Women physicians in the US and nordic health care systems. Comunicação apresentada na *Conferência State Political Power and Professional Structures: New patterns and new challenges?*, organizada pelo RC/52/ISA, Lisboa, 13 a 15 de Setembro de 2000.
- Riska, E. (2001). Towards gender balance: but will women physicians have impact on medicine? *Social Science & Medicine*, 52, 179-187.
- Savage, M., Barlow, J., Dickens, P. & Fielding T. (1992). *Property, Bureaucracy and Culture: Middle-class Formation in Contemporary Britain*. Londres: Routledge.
- Telford, L (1996). Selves in Bunkers. Organizational consequences of failing to verify alternative masculinities. In: Cliff Cheng (Ed.) *Masculinities in Organizations*. Thousand Oaks: Sage Publications; pp. 130-159.
- Thompson, P. & McHugh, D. (1990). *Work Organizations*. Londres: Mcmillan.
- Tolson, A. (1983). *Os Limites da Masculinidade*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Vale de Almeida, M. (1995). *Senhores de Si – Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Vale de Almeida, M. (2004). *Outros Destinos. Ensaios de Antropologia e Cidadania*. Porto: Campo das Letras.
- Witz, A. (1986). Patriarchy and the market: occupational control strategies and the medical division of labour. In: D. Knights & H. Willmott (Eds.) *Gender and the Labour Process*. Aldershot: Gower Publishing Comp.; pp. 14-35.
- Witz, A. (1992). *Professions and Patriarchy*. Londres: Routledge.
- Woodman, R. (1999). Royal College battles for women surgeons. *British Medical Journal*, 319, 802.
- Wright, E.O. (1989). *Classes*. Londres: Verso.
- Wright, E.O. (1997). *Class Counts*. Cambridge: University Press.
- Wright, R. (1996). The Occupational Masculinity of Computing. In: Cliff Cheng (Ed.) *Masculinities in Organizations*. Thousand Oaks: Sage Publications; pp. 77-96.
- Wright, R. (1997). Occupational gender in women's and men's occupations. *Qualitative Sociology*, 20 (3): 437-42.